

**CLAVAL, P. EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA.  
TRADUÇÃO MARGARETH DE CASTRO AFECHÉ PIMENTA  
E JOANA AFECHÉ PIMENTA. FLORIANÓPOLIS: ED.  
UFSC1, 2011**

*David Tavares Barbosa*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil. Email: [davidtbarbosa@hotmail.com](mailto:davidtbarbosa@hotmail.com)

*Resenha recebida em 26/02/2012 e aceito em 22/03/2012*

**RESENHA**

Nos últimos anos, tem sido observado na geografia brasileira uma crescente procura pela releitura e tradução de obras clássicas de geógrafos de outras escolas nacionais. Convém destacar neste cenário, a recente edição em português do livro “Epistemologia da Geografia”, do geógrafo francês Paul Claval que, contribui numa análise da evolução do pensamento geográfico, a partir da contextualização e do debate crítico dos contextos históricos e culturais observados nas diferentes etapas da evolução da Geografia.

Como o próprio Paul Claval descreve na introdução deste importante livro, o autor adota uma perspectiva epistemológica de análise das práticas científicas dos geógrafos ao longo da evolução da ciência, buscando apontar a

existência de dois níveis de conhecimentos geográficos: a geografia científica e as práticas e os saberes-fazer empíricos da vida cotidiana. Para Claval, o trabalho do geógrafo nasce de uma permanente confrontação de duas exigências, sendo a primeira centrada nas relações espaciais da vida coletiva, e a segunda, a análise da influência dos instrumentos e categorias das outras disciplinas nos contextos espaciais, e consequentemente, nas formulações da disciplina.

Segundo Paul Claval, os saberes-fazer da vida cotidiana corresponderiam ao que ele determina como “geografias vernaculares”, que são as práticas desenvolvidas sem pensar, de caráter não científico e relacionadas com a vida diária. Estas práticas são desenvolvidas pelos indivíduos para se localizar e tirar proveito dos lugares, sendo a base da Geografia

científica, que parte destes procedimentos simples da vida diária – orientar-se, localizar os fenômenos, representá-los, regionalizá-los – para construir sua base teórica.

Estas relações entre a Geografia científica e as Geografias Vernaculares é bastante explorada por Paul Claval nos dois primeiros capítulos do livro. No capítulo inicial do livro, intitulado *Geografias Vernaculares e Recensamentos Administrativos* o autor desenvolve uma análise mais detalhada destas “geografias pré-científicas” ou simplesmente “etnogeografias”, interpretando-as como saberes geográficos tradicionais, baseadas mais especificamente nas experiências partilhadas pelas sociedades do que nos discursos. Estas Geografias vernaculares comportariam duas vertentes: dominar a orientação e as grades de localização relacionadas aos habitats vivenciados e, aprofundar o conhecimento do meio, dos recursos naturais e sociais encontrados. Serviriam assim, para conceber estratégias espaciais de delimitação e de controle dos espaços. Eis então, o que aproxima estas duas categorias geográficas: ambas apresentam como necessidades primordiais a busca pelo desenvolvimento de orientações, da confecção de grades de localização para suas observações, possibilitando o maior acúmulo possível de informações sobre os lugares.

No capítulo seguinte *As grades de base da Geografia Científica*, Paul Claval admite que a diferença entre ambas (geografias vernacular e científica) consiste no fato da científica se caracterizar pela utilização de um sistema de coordenadas universalmente válido, que remonta sua origem no pensamento grego, a partir de um procedimento de orientação e localização baseado em referências astronômicas. Através da influência grega, a geografia científica se desenvolve se relacionado com a astronomia e a cosmografia, desenvolvendo uma reflexão sobre o Cosmo, hábito que permanecerá na disciplina até os estudos de Humboldt e de seus discípulos. A partir de então, a geografia foi capaz de formular as coordenadas geográficas, segundo a consideração da esfericidade da terra, se desvinculando dos gêneros de vida ligados às geografias vernaculares, abandonando os saberes-fazeres cotidianos e ligando-se, cada vez mais, aos métodos empíricos de observação e de formulação de dados. O avanço alcançado pela aproximação da geografia aos pensamentos gregos, possibilitou a geografia se desenvolver como uma ciência da observação, de análise da paisagem, das formas visíveis que a compõem.

Para Claval, em suas análises da paisagem, os geógrafos devem considerar todos os fenômenos que condicionam a

estruturação do visível, sendo necessário para isto, buscar compreender as populações que habitam o espaço, as formas como estes se inserem no espaço, como o exploram e como modelam suas feições. Daí a importância das entrevistas, dos questionários e dos levantamentos estatísticos, que apresentam a capacidade de localizar as observações coletadas no trabalho geográfico.

Neste sentido, longe da Geografia científica se afastar em suas práticas dos saberes-fazer cotidianos, Paul Claval acredita que a Geografia enquanto disciplina científica deve ser desenvolvida como uma reinterpretação das geografias vernaculares e como um estudo da geograficidade dos grupos sociais, baseada numa observação participante e em descrições espessas, pois a geografia apresenta o poder de transformar as relações dos grupos com o espaço, tornando o real conforme os planos imaginados de antemão, fornecendo métodos para dominar o território.

No capítulo 3 *A geografia como narrativa*, Paul Claval prossegue este debate afirmando que, os geógrafos tidos como clássicos, procuram em seus estudos descrever o mundo a partir de duas preocupações: restituir as informações com o máximo de exatidão e torná-las vivas em suas apresentações. Característica fundamental da geografia ocidental, estas

preocupações acabam por caracterizar a geografia como uma epopéia da descoberta da terra, para uns, ou como uma conquista da natureza, para outros. Esta metodologia descritiva da geografia alcançou, na segunda metade do século XIX, grande destaque nos trabalhos geográficos, onde “esta forma de expressão é, com efeito, incapaz de dar conta da diversidade das paisagens, dos lugar[es] e das populações que ali se encontram” (CLAVAL, 2011, p. 92-93).

Para Claval, somente o gênero literário conhecido como “quadro geográfico” foi capaz de começar a dar conta da diversidade das paisagens, mesmo que apresentando algumas falhas, como a tendência a ser repetitivo em suas descrições. Este gênero se esforça em delimitar as divisões reconhecíveis de cada localidade, destacando suas características específicas, supondo para isso a escolha de grandes conjuntos e a leitura dos fenômenos à escala do cotidiano, referenciando suas análises na paisagem. Utilizando como metodologia um tratamento prévio dos dados, somado a uma reflexão teórica, os geógrafos defensores deste quadro buscavam compreender como os fatos locais se articulam ao global, desenvolvendo uma abordagem funcionalista de análise das particularidades paisagísticas.

Cabe destacar neste gênero literário o “quadro geográfico francês”, baseado frequentemente em narrativas de viagens, em fragmentos de itinerários, evidenciando conjuntos de ações que estruturam o espaço e se apoiando em densas descrições que objetivavam destacar as características pertinentes de cada contexto espacial, descrevendo suas particularidades (naturais e dos estilos de vida). Papel de grande destaque na produção do quadro geográfico pode ser atribuído à Vidal de la Blache e seus estudos sobre a interpretação das ligações entre o ambiente e a vida social, partindo do meio natural para explicar como este condiciona a existência humana.

No Capítulo seguinte *A Geografia como estudo das relações do homem com o ambiente: um esquema recorrente de explicação* Paul Claval reforça o esboçado nos capítulos anteriores afirmando que a geografia só se tornou científica quando passou a se preocupar com a forma como as condições do ambiente contribuem para justificar a diversidade dos homens. O estudo das relações “grupos humanos-ambiente natural” foi inicialmente analisada pelas influências da noção de meio difundida por Hipócrates, de um viés determinista, sofrendo ainda outras influências, como o ambientalismo sensualista, o ambientalismo hederiano, o ambientalismo evolucionista e também o lamarckismo. Paul Claval, defende com

este debate que a partir das questões levantadas pela ecologia, a Geografia passou a desenvolver trabalhos focados na análise da forma como os homens se aproveitam do meio onde estão instalados para realizar suas atividades, surgindo uma das análises mais influentes no meio científico: a análise dos gêneros de vida. Compreendida como uma técnica empregada pelos indivíduos para explorar o ambiente, a análise dos gêneros de vida destaca de que forma os condicionantes e o papel das adaptações influenciam no estabelecimento dos grupos.

No capítulo 5, *A Geografia como análise de situação*, ampliando o debate sobre a relação entre os homens e os ambientes, são resgatados os debates geográficos focados na utilização dos conceitos de sítio, situação e posição por geógrafos diversos interessados na descrição do funcionamento dos espaços. Paul Claval retorna este debate pois lembra que a análise da situação baseia-se na análise sobre de que forma as influências exercidas em uma localidade podem ser sentidas em outros lugares, interpretando assim o peso das determinações físicas sobre a dinâmica e o funcionamento dos lugares.

Bastante desenvolvida na geografia alemã, a análise da situação na geografia esteve inclinada a interpretar as atividades humanas como dependentes da influência

geral das latitudes, altitudes e dos tipos de morfologia física dos espaços, numa perspectiva natural de análise da situação, fortemente difundidas por Humboldt, mas também nos estudos de Ritter e na antropogeografia de Ratzel. Também influente na geografia francesa, em especial nos estudos de Vidal de la Blache sobre os gêneros de vida, estes estudos também podem ser compreendidos como uma investigação da totalidade e conexidade dos fatos sociais no ordenamento e transformação das paisagens da Terra. Apesar das diferentes ideologias a que estes estudos foram submetidos, a análise da situação, no geral, objetiva mostrar a influência da materialidade sobre as atividades dos homens, influenciada por uma abordagem naturalista e que desenvolveu uma concepção de espaço influenciado pela astronomia, buscando explicar a diversidade da Terra a partir da influência exercida pela latitude.

No capítulo seguinte, nomeado *A Geografia como estudo das combinações: regiões, meios humanizados e paisagens agrárias*, observamos uma análise de uma das concepções mais populares na Geografia, entre as décadas 1920-1960, correspondente a interpretação da geografia como uma ciência das configurações espaciais e das formas de organização regional. A partir do conceito de região natural dos geólogos, somado a uma série

de conhecimentos das geografias vernaculares, os geógrafos deste período passam a estudar e classificar as denominadas “regiões funcionais”, interpretadas como regiões naturais transformadas pela ação dos homens, responsáveis pela organização do espaço a partir da interação entre os elementos físicos e as realidades sociais.

Esta concepção regional corresponde à *dermaché* regional clássica, caracterizada por apreender simultaneamente o suporte natural, as formas de ocupação dos solos, as atividades desenvolvidas pela sociedade num conjunto territorial dado, buscando com isso determinar os traços específicos de uma dada região. Caracterizam-se por atribuir grande ênfase às paisagens rurais e a historicidade de seus sistemas agrários e regiões rurais, sendo bastante conhecida nesta análise a interpretação vidalina das organizações regionais, que ao insitir no papel das combinações sobre a organização do espaço e das grandes paisagens, promove um debate profundo acerca da conexidade dos fenômenos locais vinculados, que encontram-se sempre interligados à escalas maiores.

Os capítulos que se seguem estão relacionados com os debates que surgem na Geografia a partir de bases renovadas a partir da metade do século XX. Primeiramente, Paul Claval analisa no

capítulo 7, denominado *Uma física do social, o espaço na vida dos grupos humanos* as influências exercidas pela economia espacial sobre a geografia, destacando que a intitulada “Nova Geografia” começa a abandonar a preocupação com as relações homem-ambiente, característica principal dos estudos geográficos do século XIX, para aprofundar as reflexões acerca dos sistemas econômicos, acerca da aplicabilidade dos apontamentos da economia nos estudos geográficos.

As análises mais profundas sobre a renovação do pensamento geográfico desenvolvidas no livro encontram-se no Capítulo 8, intitulado *A experiência humana da Terra: a abordagem cultural em Geografia*. Neste capítulo, Claval faz uma análise acerca da valorização observada na Geografia do diálogo entre sensibilidade humana e ambiente, a partir da influência da fenomenologia. Segundo Claval, a consideração da experiência humana na Geografia promove uma valorização da análise dos lugares e das populações que o habitam, assim como de variáveis antes negligenciadas nas interpretações geográficas, como idade e sexo. O pensamento geográfico se renova pela inclusão da experiência vivida, da intersubjetividade inerente aos grupos sociais e pela análise das representações e dos discursos esquemáticos do real.

Através destas recentes influências observadas na Geografia novos olhares e interpretações ganharam força na análise sobre a paisagem. Esta, passa a ser pensada como parte daquele que o habita, avançando além das abordagens anteriores, que a interpretavam como uma realidade física, para ser lida agora como um texto, como uma realidade objetiva fruto da relação dos homens com o meio.

Os capítulos seguintes são todos dedicados aos grandes debates epistemológicos observados na Geografia e nas ciências afins. Estes capítulos são: o capítulo 9 intitulado *Os Grandes debates epistemológicos de 1890 a 1970*; o capítulo 10 sobre *Os Grandes debates epistemológicos: Os anos 1970 e o início dos anos 1980*; o capítulo 11 chamado *A ampliação dos debates epistemológicos na era do pós modernismo e do pós-colonialismo*; o capítulo 12 intitulado *Como pano de fundo: A epistemologia dos filósofos e dos cientistas*; e o capítulo 13 *Epistemologia e Imaginação Geográfica*.

Nestes últimos capítulos, podemos observar de forma sucinta e extremamente didática as principais mudanças processadas na Geografia ao longo dos dos séculos XIX e XX. Iniciando as análises do capítulo 9 nos fins do século XIX e prolongando-se até a metade do século XX, Paul Claval expõe como os primeiros debates epistemológicos da disciplina não

se vinculavam à preocupações sobre os procedimentos utilizados pela disciplina, mas priorizavam debates sobre de que forma o meio exerce influência sobre as ações dos homens – debates centrados, principalmente, na oposição possibilismo *versus* determinismo.

Já no capítulo 10 o autor mostra que os debates observados na disciplina entre as décadas de 1970 e 1980, agora desenvolvidos em escolas nacionais e contextos diferentes, passam cada vez mais a se voltar aos problemas específicos da disciplina, quando novos movimentos inspirados pela fenomenologia e pelo marxismo, assim como através da entrada dos debates sobre o pós-modernismo e pós-colonialismo, evidenciam que a geografia encontra-se cercada de grandes problemas nos mais diferentes países.

Uma verdadeira explosão de curiosidades e debates se intensificam na Geografia no fim do século XX, que conforme demonstra Paul Claval no capítulo 11, corresponde a um período de introdução de novas feições aos debates epistemológicos, principalmente no mundo anglófono. Grandes debates conduzem uma série de viradas nas ciências – virada linguística das ciências do homem; espacial das ciências sociais; cultural da geografia. A irrupção da pós-modernidade, inicialmente na arquitetura, a partir de 1950, e firmando-se nas outras esferas

sociais e científicas na década de 1970, estimula um combate aos discursos baseados na racionalidade, a partir da crítica à modernidade fundada nas metanarrativas e nos grandes discursos.

Na geografia, o debate acerca do pós-modernismo sofreu grande influência de Fredric Jameson, que interpreta-o como reflexo e complemento de uma modificação ainda recente no capitalismo, destacando, por influência de Lefebvre, a predominância do espaço na pós-modernidade, conduzindo com sua reflexão a um *spatial turn* que afetou todas as ciências sociais nos anos 1990. Junto a crítica pós-moderna, a virada linguística na geografia, que dentre outras proposições, defendia que a Geografia deveria se afastar da visão kantiana de ciência, da ontologia cartesiana da “ciência do espaço”, para se aproximar das ciências humanas, conduziria a grandes mudanças na metodologia da disciplina.

Os dois últimos capítulos funcionam como uma recuperação daquilo que foi comentado por Paul Claval ao longo do livro, aprofundadas pelas conclusões que o autor busca apontar no fim do livro. Para Claval, a Geografia deveria aprofundar os seus estudos a partir de um maior conhecimento das orientações e contribuições externas, devendo-se preocupar cada vez mais em assumir em suas atividades uma finalidade social, de

desenvolver uma posição política mais atuante, seja esta radical ou a transformação de suas ideias e posicionamentos. É neste sentido, que pontua que “passar pela via da reflexão e da reforma interior pode ser tão satisfatório quanto o engajamento militante” (CLAVALL, 2011, p. 366).

A mensagem que Paul Claval deixa ao finalizar seu livro pode corresponder à sua interpretação sobre o papel da Geografia no universo dos conhecimentos. Para o autor, o sucesso da disciplina não depende apenas da cientificidade ou qualidade dos resultados propostos, mas também da forma como ela ilustra seus

temas, as representações do mundo político e as geo-histórias da cultura. Para isto, o autor acredita que a geografia científica não deveria abandonar os saberes vernaculares, as narrativas de viagens e os recenseamentos administrativos que a precederam, mas sim se desenvolver como uma reinterpretação destas.

#### **Notas**

1. Editora UFSC: Campus Universitário Trindade, caixa postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis/SC. <http://www.editora.ufsc.br/>